

Mães profissionais e identificação das filhas

LUIZ PASQUALI *
ANNA IRMA CALLEGARI

1. Introdução; 2. Método; 3. Resultados; 4. Discussão.

104 jovens do sexo feminino responderam à lâmina 7 GF do TAT e ao Scenotest e as respostas foram analisadas para verificar a influência do trabalho da mãe fora do lar, bem como a satisfação dela no trabalho sobre a identificação sexual das filhas. Uma análise da variância 2x2 mostrou que a satisfação no trabalho por parte da mãe é fator importante na identificação das filhas, mas o local de trabalho, dentro ou fora do lar, não afeta em nada tal identificação. Também não se verificou interação entre local de trabalho e satisfação da mãe sobre a identificação das filhas. Os resultados dão suporte ao enfoque, segundo o qual o trabalho fora do lar, associado à satisfação da mãe é fator que beneficia a mulher como profissional e como mãe.

1. Introdução

Identificação ou modelação, entendida como a semelhança de comportamentos entre pais e filhos, é um fenômeno que faz parte do processo geral de desenvolvimento da personalidade e sofre de grande influência do relacionamento existente entre mãe e filho desde a mais tenra idade (Freud, 1921, 1923 e 1924; Klein, 1928; Mowrer, 1950; Sears et alii, 1957; Mahler, 1958; Greenacre, 1958; Kagan, 1958; Maccoby, 1959; Bronfenbrenner, 1960; Carlson, 1963; Winnicott, 1965 e 1967; Mussen e Parker, 1965; Heilbrun e Fromme, 1965; Spitz, 1966; Hetherington e Frankie, 1967; Erikson, 1972).

Como a qualidade desse relacionamento depende muito da disponibilidade e da atitude da mãe, muitos autores pensam que a mãe, trabalhando fora do lar, não estaria em condições de estabelecer um bom relacionamento com os filhos, porque a mulher dificilmente consegue conciliar sua função de mãe e de profes-

* Da Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia. Brasília - DF.

sional; é que, como profissional, ela estaria procurando superar problemas de competição com o homem, negando então sua feminilidade (Deutsch, 1944-1945; Klein e Riviere, 1970; Lundberg e Farnham, 1968).

Outros autores, porém, consideram que o trabalho para mulher não seria necessariamente um entrave à feminilidade ou uma virilização, mesmo porque a diferença masculino-feminino no campo social tem sido grandemente exagerada (Bonaparte, 1961); além disso, a sociedade moderna já quebrou a concepção antiga dos direitos e deveres específicos de cada sexo. Disso resulta que o trabalho para a mulher seria positivo ou negativo, dependendo de outros fatores concomitantes. Para esses autores, uma mulher que trabalha e gosta do seu trabalho está em melhores condições de efetuar uma conciliação harmônica de potencialidades opostas no conflito entre trabalho e maternidade (Marias, 1947; Mead, 1961; Langer, 1964; Komarowski, 1968; Erikson, 1972; Martins, 1973).

Há outros autores ainda que são francamente a favor do trabalho da mulher fora do lar, assegurando que é precisamente por meio dele que a mulher se torna melhor mãe, particularmente se ela estiver satisfeita com o que faz (Beauvoir, 1949; Hartley, 1960 e 1964; Hoffmann, 1961; Bardwick, 1971). Baruch (1973) verificou igual efeito benéfico do trabalho da mulher sobre a sua auto-estima. Além disso, vários autores (Lynn, 1959; Brown, 1958; Mussen e Distler, 1959; Mussen e Rutherford, 1963; Bandura, Ross e Ross, 1963; Mussen e Parker, 1965) ressaltaram a importância do poder social da mulher como fator de identificação dos filhos, poder esse que a mulher adquire em grande parte por meio da atividade profissional.

Há, portanto, opiniões divergentes quanto à influência da atividade profissional da mulher sobre a identificação dos filhos. Os autores que vêem nessa atividade um fator negativo de identificação apelam para o fato de que tais atividades profissionais, por um lado, afastariam a mãe de suas funções maternas e, por outro, afetariam sua feminilidade de um modo negativo. Outros autores afirmam, pelo contrário, que tais atividades seriam fatores de maior projeção da mulher não só na sociedade, mas também como mulher, particularmente para seus filhos, desenvolvendo nela melhor harmonia de valores femininos, e portanto servindo de melhor modelo para a identificação dos filhos. Outros autores, enfim, se apressam a acrescentar que realmente seria a atitude da mulher diante do trabalho o fator determinante de boa ou má identificação dos filhos.

A presente pesquisa procurou elucidar essa questão, verificando a influência possível da atividade da mãe fora do lar, bem como da satisfação pessoal que ela auferia de tal atividade, sobre a identificação das filhas. Previa-se que: a) independente da satisfação da mãe, o nível de identificação das filhas seria idêntico, tanto no caso de mães que trabalhavam fora do lar como de mães donas de casa; b) independente do local de trabalho, dentro ou fora do lar, haveria maior identificação das filhas com as mães que se sentissem contentes, no que estivessem fazendo; c) não se previa ação do local de trabalho e satisfação da mãe sobre a identificação das filhas.

Mãe representa nesta pesquisa a pessoa com a qual a adolescente conviveu pelo menos até os 12 anos, podendo ser a mãe ou sua substituta. O trabalho fora do lar é representado por profissão qualificada (enfermeira, assistente social, bancária, secretária, professora, industriária) que a mãe exerceu por período mínimo de sete anos, ao passo que trabalho no lar representa a atividade de dona de casa ou a direção da realização de tarefas domésticas. O grau de contentamento e a realização pessoal da mulher, manifestados pelo questionário de satisfação (anexo 2), são concebidos como o nível de satisfação da mãe.

2. Método

2.1 *Amostra e delineamento*

Os sujeitos da pesquisa foram 104 adolescentes femininos, solteiros, de 16 a 18 anos, da cidade de Porto Alegre. Eram procedentes de famílias cuja renda familiar excedia cinco salários mínimos em 1975 e cuja escolaridade dos pais era primário completo, no mínimo; as famílias eram normais, isto é, legalmente constituídas e os pais vivendo juntos. Esses dados foram levantados numa ficha respondida pela candidata. Por meio dos dados dos Serviços de Orientação Educacional (SOE) de Porto Alegre foi possível selecionar meninas de inteligência normal e saúde mental também normal. Esta, aliás, foi igualmente verificada por um questionário de 24 itens elaborado a partir dos modelos da National Association for Mental Health (Driver et alii, 1958 e Hurlock, 1961), o qual permitiu a seleção de meninas que satisfizessem o critério de normalidade mental e de adaptação (anexo 1).

As 104 jovens foram classificadas em quatro grupos, satisfazendo um delineamento fatorial de 2x2, onde satisfação e local de trabalho da mãe eram os fatores decisivos. Assim, o grupo 1 continha filhas de mães que trabalhavam fora do lar e eram satisfeitas; o grupo 2, filhas de mães que trabalhavam fora do lar mas eram insatisfeitas; o grupo 3, filhas de mães que trabalhavam no lar e eram satisfeitas, e o grupo 4, filhas de mães que trabalhavam no lar e eram insatisfeitas com o que estavam fazendo.

2.2 *Instrumentos*

As variáveis preditivas, local de trabalho e satisfação da mãe, por serem variáveis atributos, não foram manipuladas mas medidas por meio de um questionário (anexo 2) respondido pelas mães. O questionário continha 25 itens cobrindo local de trabalho, bem como auto-estima e realização da mãe, baseado nos trabalhos de Baruch (1973) e de Bardwick (1971).

Desses itens, nove medem atitude positiva em relação ao trabalho fora do lar (T) e nove ao trabalho no lar (L). O questionário foi respondido numa escala de

sete pontos e a diferença $T - L$ estabeleceu a atitude da mãe em relação ao trabalho. Essa diferença foi considerada importante se atingisse ao menos a unidade. Ela podia ser positiva (sendo T maior do que L) ou negativa (T menor que L). Dependendo do local de trabalho da mãe, essa diferença significava o seguinte: se a mãe trabalhava fora do lar, $T - L$ sendo positivo revelava uma mãe contente com o que fazia, e se negativo, uma mãe descontente com seu trabalho; o inverso disso era o caso para a mãe que trabalhava no lar, porque obviamente o L devia ser maior do que o T , se ela estivesse contente com o que fazia no lar.

O questionário foi inicialmente aplicado a 10 mães profissionais e cinco donas de casa para análise semântica e de conteúdo dos itens.

Para a medida da identificação foi utilizada a lâmina 7 GF do TAT e o Scenotest em aplicações individuais a todos os sujeitos da pesquisa. Do TAT (Murray, 1943) foi usada a lâmina 7 por ser a que explora a imagem materna e a atitude frente à maternidade, revelando um comportamento intrapsíquico e intrafamiliar e que, freqüentemente, mobiliza aspectos dinâmicos do superego (Bellak, 1947; Rapaport et alii, 1945-1946; Franca e Silva, 1954).

O Scenotest (Staabs, 1964) compõe-se de bonecos flexíveis, blocos de madeira, utensílios domésticos, objetos de enfeite e árvores. Os bonecos representam pais, avós, irmãos, empregada, adultos e crianças. A manipulação desses objetos por parte dos sujeitos seria determinada por um contexto de relacionamento inter-individual e intrafamiliar do sujeito respondente, além de elucidar princípios de masculinidade e feminilidade, o “espaço interno feminino produtivo” de Erikson (1972).

2.3 *Procedimentos*

Em sessões individuais, as jovens deviam contar uma estória sobre a lâmina 7 nos moldes padronizados do TAT. A estória era analisada quanto ao conteúdo e quanto ao desenlace. O conteúdo foi avaliado numa escala de seis pontos, onde 5 (cinco) significava máxima identificação e 0 (zero) identificação nula. Especificamente:

5: relação mãe-filha declarada explicitamente e na qual há envolvimento pessoal expresso entre as duas; deve ser possível verificar no mínimo três das seguintes atitudes: sentimentos maternos, calor afetivo, atitude pedagógica, necessidade de proteção, de segurança, de orientação, de reconhecimento, e imposição de normas (conflito id e superego);

4: relação mãe-filha revelando um envolvimento mínimo e pouco explícito, com pouca freqüência de atitudes básicas emocionais que a lâmina sugere e, no mínimo, duas das atitudes mencionadas;

3: relação mãe-filha revelando pouco envolvimento afetivo e, no mínimo, uma das atitudes mencionadas ou atitude competitiva; ou a relação pode manifestar

duas pessoas femininas de relações íntimas (parentes, avós, ama), mostrando um relacionamento afetivo, social competitivo ou amistoso;

2: duas pessoas de sexo feminino, parentes, manifestando um relacionamento afetivo social, amistoso, competitivo ou relação mãe-filha com envolvimento negativo-restritivo;

1: duas pessoas, não parentes, sexo feminino, que apenas aparecem juntas, sem envolvimento emocional;

0: somente uma pessoa é mencionada na estória ou ambas são a mesma pessoa; por exemplo, a menina pensando quando for mais velha.

O desenlace da estória foi avaliado numa escala de quatro pontos:

3: desenlace positivo;

2: desenlace ambivalente;

1: desenlace negativo;

0: sem solução.

Para a análise do conteúdo e da construção da cena no Scenotest (SCT) seguiu-se procedimento similar. Nesse teste o sujeito devia, como diretor de cinema, montar um filme com os objetos do teste. O conteúdo da estória foi avaliado numa escala de seis pontos, segundo maior (5) ou menor (0) identificação:

5: pessoas do grupo familiar, numa relação declarada explicitamente e na qual há envolvimento pessoal expresso entre figuras masculinas e femininas, onde possam ser verificadas, no mínimo, três das seguintes características: sentimentos maternos ou filiais, atitudes pedagógicas, necessidade de proteção, de calor afetivo, de reconhecimento, e imposição de normas;

4: pessoas do grupo familiar, com envolvimento entre as figuras masculinas e femininas mínimo ou pouco explícito e com, no mínimo, duas das características mencionadas;

3: pessoas do grupo familiar, com pouco envolvimento afetivo e, no mínimo, revelando uma das características mencionadas;

2: pessoas do grupo familiar com relacionamento explícito negativo, restritivo ou apenas parentes com relacionamento amistoso, social, com presença de figuras femininas;

1: pessoas apenas vivendo próximas, sem envolvimento emocional, com relacionamento somente amistoso e com presença de figuras femininas;

0: somente uma pessoa figura na cena, ou animais, mas sem nenhuma relação.

A construção da cena foi avaliada em uma escala de três pontos, segundo a riqueza da mesma:

3: construção da cena com ênfase no espaço interno, a saber, interior de um recinto fechado ou aberto; cercado simples, paredes baixas, sem adornos ou saliências;

cias; uso de poucos blocos ou blocos mais simples; pessoas e animais, na sua maioria, dentro do recinto, em posição estática ou em movimentos tranqüilos; ou pessoas sentadas no recinto onde, às vezes, um homem ou um animal se introduz à força;

2: construção da cena com ênfase no espaço interno onde apenas duas situações das mencionadas aparecem; por exemplo, interior de recinto fechado ou aberto e pessoas em movimentos tranqüilos; mas as paredes são mais altas ou, se as paredes são baixas, as pessoas têm maior movimentação;

1: construção da cena onde apenas um dos critérios é observado; por exemplo, um recinto fechado ou aberto, ou pessoas em movimentos tranqüilos, ou paredes baixas.

Dois psicólogos foram os avaliadores das estórias do TAT e do SCT. De um total de 208 estórias, houve concordância em 182 (88%). Em 20 estórias houve discordância de um ponto e em seis de dois pontos. Um terceiro psicólogo avaliou essas 26 estórias e o resultado final nelas foi a média da avaliação dos três psicólogos.

3. Resultados

As tabelas 1 e 2 mostram os escores médios da intensidade de identificação das filhas com suas mães. Verifica-se que esses escores são mais elevados nos grupos 1 e 2, constituídos por filhas de mães satisfeitas, do que nos grupos 3 e 4, os grupos formados por filhas cujas mães estão descontentes com o que estão fazendo. O gráfico 1 torna mais clara ainda essa situação, onde se vê que os grupos 1 e 2 são

Tabela 1
Médias e desvios padrões de identificação sexual
de 104 jovens adolescentes femininos

Identificação sexual*	Grupos							
	I		II		III		IV	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Conteúdo TAT	3,73	0,71	3,96	1,05	2,81	0,65	2,62	0,62
Conteúdo SCT	3,42	0,93	3,04	0,94	2,15	0,81	2,50	0,69
Desenlace TAT	2,54	0,84	2,50	0,84	1,89	1,22	1,62	1,11
Construção SCT	2,69	0,60	2,65	0,48	2,35	0,55	2,42	0,49

* Conteúdo tem escala de 0 a 5, desenlace de 0 a 3 e construção de 1 a 3.

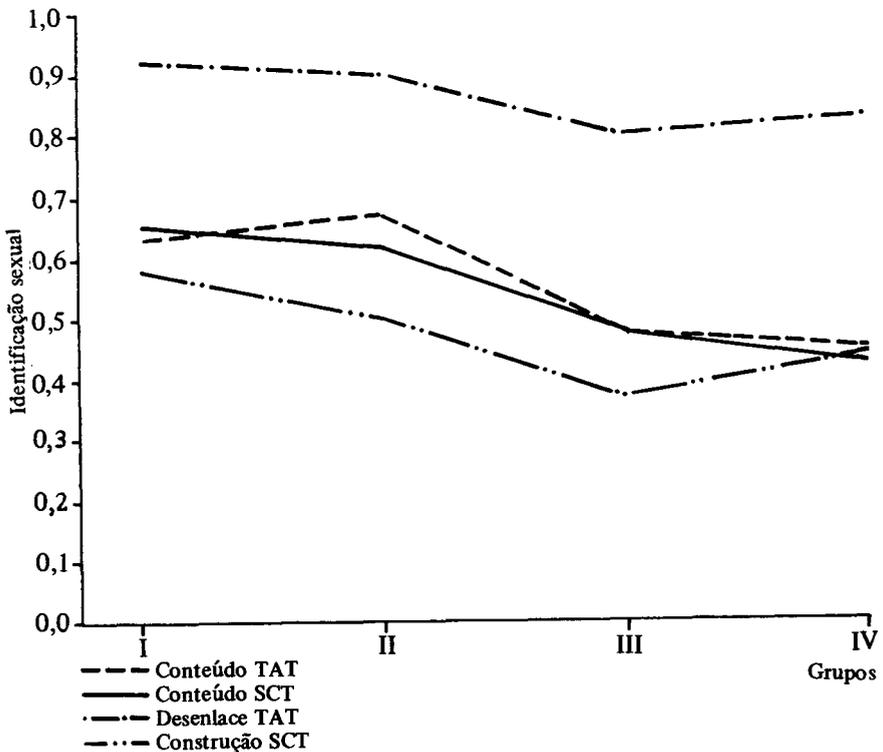
Tabela 2

Médias da identificação sexual das jovens adolescentes expressos em termos proporcionais nos quatro tipos de medidas

Identificação sexual	Grupos			
	I	II	III	IV
Conteúdo TAT	0,62	0,66	0,47	0,44
Conteúdo SCT	0,64	0,63	0,47	0,41
Desenlace TAT	0,57	0,51	0,36	0,42
Construção SCT	0,90	0,88	0,78	0,81

Gráfico 1

Intensidade da identificação sexual das jovens adolescentes em termos de proporções (N = 104)



os mais elevados em qualquer uma das quatro medidas, isto é, conteúdo TAT, conteúdo SCT, desenlace TAT e construção no SCT.

Uma análise da variância 2x2 dos dados da identificação sexual das filhas, efetuadas para cada uma das quatro medidas mencionadas, veio confirmar o que a simples inspeção dos escores médios parecia revelar (tabelas 3 a 6).

Verificou-se que, no caso do TAT, tanto para o conteúdo quanto para o desenlace, somente a satisfação da mãe se mostrou fator determinante de diferente identificação nas filhas ($F = 53,42$, $p < 0,01$ e $F = 13,48$, $p < 0,01$, respecti-

Tabela 3
Análise da variância dos dados do Conteúdo TAT (N = 104)

Fonte de variação	SQ	gl	MQ	F	p
Entre os grupos		3			
Trabalho	0,01	1	0,01	0,02	n.s.
Satisfação	33,28	1	33,28	53,42	< 0,01
Trab. X Sat.	1,35	1	1,35	2,17	n.s.
Dentro dos grupos	62,27	100	0,62		
Total	96,91	103			

Tabela 4
Análise da variância dos dados do Conteúdo SCT (N = 104)

Fonte de variação	SQ	gl	MQ	F	p
Entre os grupos		3			
Trabalho	0,01	1	0,01	0,01	n.s.
Satisfação	21,24	1	21,24	28,28	< 0,01
Trab. X Sat.	3,47	1	3,47	4,62	< 0,05
Dentro dos grupos	75,19	100	0,75		
Total	96,92	103			

Tabela 5

Análise da variância dos dados do Desenlace TAT (N = 104)

Fonte de variação	SQ	gl	MQ	F	p
Entre os grupos		3			
Trabalho	0,62	1	0,62	0,57	n.s.
Satisfação	14,52	1	14,52	13,48	< 0,01
Trab. X Sat.	1,22	1	1,22	1,12	n.s.
Dentro dos grupos	107,77	100	1,08		
Total	124,12	103			

Tabela 6

Análise de variância dos dados da Construção SCT (N = 104)

Fonte de variação	SQ	gl	MQ	F	p
Entre os grupos		3			
Trabalho	0,01	1	0,01	0,03	n.s.
Satisfação	2,16	1	2,16	7,31	0,01
Trab. X Sat.	0,09	1	0,09	0,29	n.s.
Dentro dos grupos	29,65	100	0,30		
Total	31,91	103			

vamente). O fator local de trabalho da mãe, bem como a interação dos fatores satisfação e local de trabalho da mãe não manifestaram influência específica sobre a identificação das filhas. O mesmo fenômeno se observou no caso de construção no SCT, onde somente a satisfação da mãe foi fator determinante de diferenciação na identificação das filhas ($F = 7,31$, $p < 0,01$). No caso do conteúdo no SCT, constatou-se que, além da satisfação da mãe ($F = 28,28$, $p < 0,01$), também a interação dessa variável com o local de trabalho da mãe se mostrou importante na determinação do grau de identificação das filhas ($F = 4,62$, $p < 0,05$).

A análise da força de associação (Hays, 1963) entre as variáveis revelou que a satisfação da mãe é um fator realmente importante na explicação do conceito de identificação sexual (ω^2 é da ordem de 0,20 a 0,30) (tabela 7). Esse dado mostra que cerca de 30% do conceito de identificação sexual é explicado pelo fato da mãe estar ou não contente com o que faz.

Tabela 7
Força de associação entre as variáveis
satisfação e identificação sexual (teste ω^2)

	Conteúdo TAT	Conteúdo SCT	Desenlace TAT	Construção SCT	Total
ω^2 satisfação	0,33	0,21	0,11	0,06	0,31
ω^2 interação	-	0,03	-	-	-

4. Discussão

Em consonância com os estudos de Hartley (1960), Hoffmann (1961) e Bardwick (1971), verificou-se que o fato da mãe trabalhar fora do lar não cria problemas para a filha quanto à sua identificação sexual. O trabalho da mulher fora do lar não parece ser motivo de conflito entre seu papel de mãe e de profissional, ao menos quando ela consegue ser bem sucedida nas responsabilidades maternas e realizada como mulher e como profissional.

Por outro lado, é extremamente importante para a identificação das filhas que a mãe esteja satisfeita no que estiver fazendo, seja no lar como fora dele. A atitude de apreço e satisfação que a mãe demonstra com o tipo de tarefa que desempenha contribui de modo benéfico na identificação da filha, não importando o local de trabalho.

Parece, então, que a satisfação e a valorização da mulher, realizada no seu papel materno ou como profissional, traduzem-se numa percepção, por parte das filhas, da figura materna como mais acolhedora, atenciosa, amorosa, confiante e protetora (Maccoby, 1959; Bandura, Ross e Ross, 1963; Carlson, 1963; Mussen e Parker, 1965; Hetherington e Frankie, 1967). Obviamente essa afirmação se harmoniza bem com as posições teóricas dos autores que enfatizam o bom relacionamento mãe-filha como situação fundamental para uma identificação positiva e estável (Freud, 1923 e 1924; Mowrer, 1950; Klein, 1928; Parsons, 1958; Kagan, 1958; Winnicott, 1965 e 1967; Spitz, 1966; Erikson, 1972).

Essas observações se tornam ainda mais relevantes se salientarmos que a satisfação da mãe na tarefa que desempenha explica cerca de 1/3 do conceito de identificação sexual no caso das filhas (ω^2 total é de 0,31).

Vale também observar que o modo de construir a cena no SCT revelou, entre as filhas de mães satisfeitas, um estado interno de passividade mais receptiva, um ambiente mais cálido e afetivo, com cenas de movimento tranqüilo ou de pouco movimento e, geralmente, livres de acidentes, quedas e choques que caracterizam as cenas de filhas de mães descontentes com o que estão fazendo. Esse detalhe vem confirmar a experiência de Erikson (1972) no tocante ao fenômeno espacial do princípio feminino do espaço interno produtivo.

Quanto ao efeito de interação no caso do conteúdo no SCT, é difícil ver claramente o sentido de tal ocorrência. Não parece revelar um efeito já latente no caso do TAT, visto que ali a tendência, se existe, é no sentido oposto da observada no SCT, a saber, no SCT ela seria devida principalmente à queda do grau de identificação no grupo 3 (filhas de mães insatisfeitas e que trabalham fora do lar) que não se observa no caso do conteúdo no TAT. Parece, então, que tal fenômeno seja mais um efeito reativo do instrumento do que uma variância devida às variáveis independentes. De qualquer forma, o efeito de interação em questão tem uma relevância mínima no conceito de identificação sexual ($\omega^2 = 0,03$).

Pode-se, enfim, concluir que os dados desta pesquisa parecem tornar improcedentes o temor e a afirmação de que a mulher que trabalha fora do lar provocaria problemas de identificação nos filhos, maiores do que a mãe dona de casa. Os dados colhidos mostram claramente que o local de trabalho da mãe, seja no lar como fora dele, é irrelevante nessa questão do desenvolvimento do processo de identificação sexual dos filhos. Por outro lado, se o local de trabalho da mãe não afeta a identificação, a atitude que ela assume diante do trabalho, essa sim, afeta substancialmente a qualidade da identificação sexual, ao menos no caso das filhas. Uma mãe que aprecia seu trabalho é modelo sadio de boa identificação; uma mãe descontente com o que faz é modelo inferior ou até negativo de identificação, não importando se ela trabalha no lar ou fora dele.

Bibliografia

- Bandura, A.; Ross, D. & Ross, S. A. Vicarious reinforcement and imitative learning. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67: 601-2, 1963.
- Bardwick, J. M. *Psychology of women*. New York, Harper and Row, 1971.
- Baruch, C. K. Feminine self-esteem, self-ratings of competence, and maternal career commitment. *Journal of Counseling Psychology*, 20 (5): 487-8, 1973.
- Beauvoir, S. *Le deuxième sexe*. Paris, Gallimard, 1949. 2 v.

- Bellak, L. *A guide to the interpretation of the thematic apperception test*. New York, Psychological Corp., 1947.
- Bonaparte, M. *La sexualidad de la mujer*. Buenos Aires, Hormé, 1961.
- Bronfenbrenner, V. Freudian theories of identification and their derivatives. *Child Development*, 31: 18-40, 1960.
- Brown, D. O. Sex-role development in a changing culture. *Psychological Bulletin*, 1958. 55 (4): 232-42, 1958.
- Callegari, A. I. & Pasquali, L. A mulher profissional e o problema da identificação das filhas. No prelo.
- Carlson, R. Identification and personality structure in pre-adolescents. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67 (6): 566-73, 1963.
- Deutsch, H. *The psychology of women*. New York, Grune and Stratton, 1944-1945. 2 v.
- Driver et alii. *Counseling and learning through small groups discussions*. Morena, Madisson, 1958.
- Erikson, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- Franca e Silva, E. Thematic apperception test. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, Rio de Janeiro, (1), 1953 e (4), 1954.
- Freud, S. Psicología de las masas, 1921. In: *Obras completas*. Madrid, Bibl. Nueva, v. 1, 1948.
- _____. La organización genital infantil, 1923. In: *Obras completas*. Madrid, Bibl. Nueva, v. 1, 1948.
- _____. El final del complejo de Édipo, 1924. In: *Obras completas*. Madrid, Bibl. Nueva, v. 2, 1948.
- Greenacre, P. Early physical determinants in the development of the sense of identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 4 (4), 1958.
- Hartley, R. E. Children's concepts of male and female roles. *Merrill-Palmer Quart.*, 6: 83-91, 1959-1960.
- _____. A developmental view of female sex role definition and identification. *Merrill-Palmer Quart.*, 10: 3-16, 1964.
- Hays, L. W. *Statistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1963.
- Heilbrun, B. H. Jr. & Fromme, D. R. Parental identification of adjustment: the importance of parental-model attributes, ordinal position, and sex of the child. *Journal of Genetic Psychology*, 107: 49-59, 1965.
- Hetherington, E. M. & Frankie, G. Effects of parental dominance, warmth, and conflict on imitation in children. *J. Pers. and Social Psychology*, 6 (2): 119-25, 1967.
- Hoffmann, L. W. Effects of maternal employment on the child. *Child Development*, 32: 187-197, 1961.
- Hurlock, E. R. *Psicología de la adolescencia*. Buenos Aires, Paidós, 1961.
- Kagan, J. The concept of identification. *Psychological Review*, 65 (5): 296-305, 1958.

Klein, M. & Riviere, J. *Amor, ódio e reparação*. Rio de Janeiro, Imago, 1970.

_____. Estádios tempranos del conflicto edípico, 1928. In: *Psicoanálisis del desarrollo temprano*. Buenos Aires, Paidós, 1971.

Komarowsky, M. Women in the modern world. In: Schur, E. *El problema de la mujer*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

Langer, M. *Maternidad y sexo*. Buenos Aires, Paidós, 1964.

Lundberg, F. & Farnham, N. Modern woman: the lost sex. In: Schur, E. *El problema de la mujer*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

Lynn, D. B. A note on sex differences in the development of masculine and feminine identification. *Psychological Review*, 66 (2): 126-35, 1959.

MacCoby, E. E. Role-taking in childhood and its consequences for social learning. *Child Development*, 30: 239-52, 1959.

Mahler, M. S. Autism and symbiosis, two extreme disturbances of identity. *Int. Jour. of Psych.*, 39:2-4, 1958.

Marias, J. *Introdução à filosofia*. São Paulo, Duas Cidades, 1947.

Martins, C. *Perspectivas do humanismo psicanalítico*. Porto Alegre, Sulina, 1973.

Mead, M. *Sexo y temperamento*. 2 ed. Buenos Aires, Paidós, 1961.

Mowrer, O. H. *Learning theory and personality dynamics*. New York, Ronald, 1950.

Murray, H. A. *Thematic apperception test*. Cambridge, Mass. Harvard University, 1943.

Mussen, P. H. & Distler, L. Masculinity identification and father-son relationships. *Jour. of Abnormal and Social Psychology*, 59: 353-6, 1959.

_____. & Parker, A. L. Mother nurturance and girls incidental imitative learning. *J. of Person. and Social Psychology*, 2 (1): 94-7, 1965.

_____. & Rutherford, E. Parent-child relations and parental personality in relation to young children's sex-role preferences. *Child Development*, 34: 589-607, 1963.

Parsons, T. Social structure and the development of personality: Freud's contribution to the integration of psychology and sociology. *Ps:chiatry*, 21: 321-40, 1958.

Rapaport, D., Gill, M. & Schafer, R. *Diagnostic psychological testing*. Chicago, Year Book Medical, 1945-1946. 2 v.

Sears, R. R.; MacCoby, E. E. & Levin, H. *Patterns of child rearing*. New York, Harper and Row, 1957.

Spitz, R. A. *El primer año de vida del niño. Génesis de las primeras relaciones objetales*. Madrid, Aguilar, 1966.

Staabs, G. *Der Scenotest*. Bern, Verlag Hans Buber, 1964.

Winnicott, D. W. *El niño y el mundo externo*. Buenos Aires, Paidós, 1965.

_____. *La familia y el desarrollo del individuo*. Buenos Aires, Paidós, 1967.

Anexo 1

Questionário de adaptação das filhas
(Escala de 5 graus, de "nunca" a "sempre")

01. Sou capaz de ser afetuosa com os outros
 02. Ponho o melhor de mim mesma em tudo que faço
 03. Sou capaz de pensar por mim mesma e tomar minhas decisões
 04. Acho natural que as pessoas gostem de mim
 05. Aceito as decepções da vida, tomando-as em suas devidas proporções
 06. Sinto-me capaz de lidar com a maioria das situações que tenho de enfrentar
 07. Sinto-me como parte de um grupo
 08. Tenho uma atitude tolerante para comigo mesma e para com os outros
 09. Tenho satisfação com as coisas que realizo
 10. Obtenho satisfação com os prazeres comuns da vida cotidiana
 11. Aceito as responsabilidades que tenho condições de cumprir
 12. Recebo com prazer novas idéias e experiências
 13. Sou capaz de aceitar minhas próprias deficiências e fraquezas
 14. Tenho confiança nas pessoas
 15. Encontro minhas maiores satisfações nas realizações e nas experiências da vida real e não no mundo dos devaneios ou sonhar acordada
 16. Respeito as múltiplas diferenças que encontro entre as pessoas
 17. Gosto das pessoas
 18. Alcanço os objetivos propostos
 19. Estou satisfeita comigo mesma
 20. Mantenho relações interpessoais satisfatórias e razoavelmente estáveis
 21. Aceito minhas próprias emoções – medo, raiva, amor, ciúmes, culpa ou preocupação – sem me perturbar excessivamente
 22. Considero os interesses dos outros
 23. Sou capaz de aprender com minhas derrotas, em vez de procurar desculpas para elas
 24. Sei utilizar-me de minhas capacidades naturais para realização pessoal
-

Anexo 2

Questionário de satisfação das mães (Escala de 7 pontos, de “acordo total” a “desacordo total”)

01. É necessário que a mulher trabalhe também fora do lar
02. Prefiro trabalhar em casa do que fora do lar
03. Creio que a mulher de hoje deveria ocupar-se mais com uma profissão fora do lar
04. Posso fazer coisas tão bem como a maioria das pessoas fazem
05. Preocupo-me em buscar novas idéias relacionadas com as atividades no lar
06. É direito da mulher poder escolher seu trabalho fora do lar
07. A realização pessoal e profissional da mulher é no lar
08. O trabalho fora do lar dignifica a mulher
09. Penso que as mães que trabalham fora do lar o fazem porque se sentem insatisfeitas
10. Sinto-me satisfeita com o trabalho que realizo
11. As atividades no lar me interessam mais do que as atividades fora do mesmo
12. Gosto de trabalhar fora do lar
13. Preocupo-me em buscar novas idéias relacionadas com minha profissão fora do lar
14. A maioria das mulheres que trabalham fora do lar o fazem por tradição
15. Trabalhar fora do lar é uma grande oportunidade de realização pessoal para a mulher
16. Em geral estou satisfeita comigo mesma
17. Gostaria que minha filha fosse influente e líder da sociedade
18. O único lugar de trabalho para a mulher é no lar
19. O trabalho fora do lar me interessa muito
20. É indiferente para a mulher trabalhar no lar ou fora dele
21. Creio que a mulher de hoje deveria ocupar-se mais com os afazeres do lar
22. Gostaria que minha filha fosse empreendedora e cheia de iniciativas
23. Penso que a maioria das mulheres que trabalham fora do lar o fazem porque gostam
24. A razão fundamental da mulher trabalhar fora do lar são as vantagens econômicas
25. Gostaria que minha filha fosse uma pessoa compreensiva e tolerante

Por obséquio assinale com X o número correspondente à sua profissão:

no lar 1

fora do lar 2

há quantos anos trabalha fora _____
